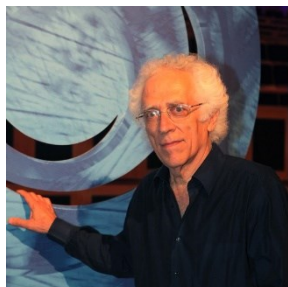


TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Paidós, 2000.

Eduardo Gonçalves, 07 de janeiro de 2021.

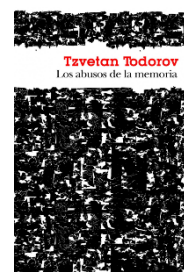
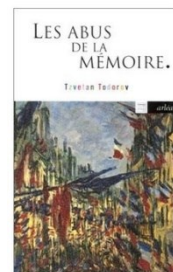
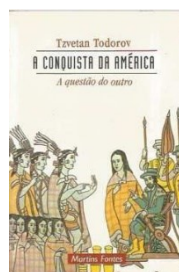
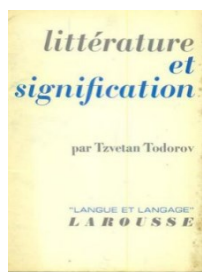
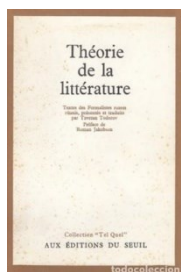
**Natureza do livro:** A primeira versão do texto foi apresentada em forma de conferência por Tzvetan Todorov no Congresso *Historia y memoria de los crímenes y genocidios nazis*, organizado pela *Fundación Auschwitz*, realizado em novembro de 1992. Em 1995 foi editado e publicado em livro em francês pela editora Arléa.

**Autoria:**



O filósofo, linguista e teórico literário franco-búlgaro Tzvetan Todorov nasceu em 1939 em Sófia, na Bulgária, e faleceu em 2017 em Paris. Graduou-se em Filologia na Universidade de Sófia em 1963 e, no mesmo ano, mudou-se para Paris para frequentar os cursos de Filosofia da Linguagem ministrados pelo sociólogo e filósofo francês Roland Barthes, que veio a ser o seu orientador no Doutorado. Em 1967 defendeu a tese “Leitura e significação” na Universidade de Paris. Obteve a nacionalidade francesa em 1973. Nos anos 1980 passou a se dedicar ao estudo da História das Ideias. Em 2008 recebeu o prêmio espanhol Príncipe de Astúrias na categoria Ciências Sociais. Todorov foi professor da École Pratique des Hautes Études da Universidade de Yale e atuou no Centre National de la Recherche Scientifique de Paris.

Entre seus livros estão: **Théorie de la littérature, textes des formalistes russes**, primeiro livro de Todorov publicado em Paris em 1965; **Littérature et signification**, tese de doutorado publicada em 1967; **Mémoire du mal, tentation du bien** (2000); **Estruturalismo e Poética**, primeiro livro do autor publicado no Brasil pela editora Cultrix em 1968; **Conquista da América: a questão do outro**, publicado pela Martins Fontes em 1983; **Les abus de la mémoire** (1995) e sua tradução em espanhol **Los abusos de la memoria** (2000).



**Interlocução:** Todorov estabelece diálogos teóricos com historiadores, filósofos, cientistas políticos, geógrafos, escritores e poetas. Destacam-se as interlocuções com o historiador francês Jacques Le Goff, o poeta e ensaísta argentino Jorge Luis Borges, o filósofo francês René Descartes, o navegador italiano Américo Vespúcio, o escritor espanhol Jorge Semprún, o cientista político e documentarista norte-americano Shelby Steele, o poeta e advogado francês Paul Dérouléde, o filósofo francês Montesquieu e o escritor francês Marcel Proust. No livro, o autor dialoga também com relatos de judeus e prisioneiros políticos dos campos

de concentração nazistas e soviéticos, como Primo Levi, David Rousset, Uphrosinia Kersnovskaya, Paul Teitgen, Simone Veil e Gorges Kiejman; e de algozes nazistas como Heinrich Himmler. Por fim, há interlocução com o jornalista soviético correspondente de guerra Vassily Grossman e o romancista francês que lutou na Resistência Francesa, André Schwarz-Bart.

**Tese Central:** A memória é um campo múltiplo, dinâmico e sujeito às disputas de poder. A cultura contemporânea é marcada pela obsessão ao culto à memória. Para Todorov é necessário conservar viva a memória do passado no presente, com atenção para não se prender à nostalgia paralisadora do culto ao passado ou à sacralização da memória.

Uma primeira formulação da tese central aparece no segundo parágrafo da página 18: *A recuperação do passado é essencial; Isso não significa que o passado deva reger o presente, mas, ao contrário, este fará do passado o uso que preferir.*

O autor prossegue com a explicação da tese central no último parágrafo do livro na página 37: *Longe de continuar prisioneiros do passado, devemos colocá-lo a serviço do presente, como a memória - e o esquecimento - deve estar a serviço da justiça.*

**Estrutura do texto:** O livro está dividido em 8 breves capítulos.

- 01. La memoria amenazada:** Todorov assinala a tentativa dos regimes totalitários do século XX em apagar registros de memória, hostis a qualquer resquício oficial da memória. O autor cita a Alemanha nazista, a antiga União Soviética e a China comunista como exemplos de regimes que promoveram guerras contra a memória e priorizaram o controle da informação, a supressão e adulteração de pistas e provas. A memória é instrumento de denúncia e resistência contra governos totalitários.
- 02. Morfología:** O autor abre o segundo capítulo com algumas definições sobre o conceito de memória: memória e esquecimento não se opõem um ao outro; a memória estabelece uma relação necessária entre o apagamento e a preservação; e a seleção é um dos traços constitutivos da memória. Em seguida, enfatiza que não deve haver impedimentos ou interferência na ação de recuperar o passado e a memória. A democracia deve garantir o direito do indivíduo em conhecer a sua história, direito que se torna um dever em casos de acontecimentos trágicos e excepcionais.
- 04. Entre tradición y modernidad:** Passado e lembrança assumem funções distintas em sociedade sem escrita, como as antigas civilizações africanas, e sociedades tradicionais alfabetizadas, como a Europa da Idade Média. As primeiras conferem valor ao passado e as tradições. Nas sociedades tradicionais alfabetizadas desde o Renascimento e, sobretudo a partir do século XVIII, o passado deixa de ser um meio de legitimação e a memória perde o seu lugar de privilégio e a sua posição dominante. A ciência moderna substituiu as prerrogativas da memória pela observação, experiência e razão; e a escolha da maioria dos indivíduos pelo bem estar comum passou a ditar as novas regras de convivência.
- 05. El buen uso:** Para Todorov o culto à memória no mundo moderno nem sempre está a serviço das boas causas. Cita, entre outros exemplos, os regimes da Alemanha nazista, a

Itália fascista e a Rússia estalinista, que selecionavam e elegiam fatos de um passado mítico para reforçar um projeto nacional. Para o autor a recuperação do passado é indispensável, mas ele não deve reger e subordinar presente. Nem toda a memória do passado é igualmente admirável. O presente fará o uso que preferir do passado. Por fim, defende o direito ao esquecimento como forma de superar traumas e ressentimentos.

- 06. Memoria y justicia:** Como definir critérios que possam distinguir os bons e maus usos do passado, questionar seus usos no presente e avaliar os atos que alegam ter sua origem na memória do passado? Todorov apresenta duas ferramentas de ação: a memória literal e a memória exemplar.

Na memória literal o acontecimento é identificado e preservado; identifica os autores que causaram os traumas e o sofrimento; estabelece uma relação de continuidade entre o indivíduo do passado e do presente; as consequências do trauma do passado são prolongadas por toda a existência do indivíduo para compreender por contiguidade as novas situações produzidas no presente. Todorov afirma que a memória literal traz riscos ao submeter o presente ao passado e ao reviver novamente o trauma vivido.

A memória exemplar recupera o passado como modelo para compreender situações análogas vividas e aprender com as injustiças do passado para lutar contra as injustiças do presente. O passado se converte em princípio de ação no presente. Para Todorov a memória exemplar é potencialmente libertadora.

- 07. Singular, incomparable, superlativo:** Os argumentos contra a exemplaridade afirmam que, se cada acontecimento é absolutamente único, qualquer tentativa de comparação pode ser interpretada como um desejo de profanação ou uma tentativa de atenuar a gravidade do acontecimento. Todorov assinala que é "banal o absurda" a defesa dos que afirmam que o genocídio dos judeus, por exemplo, é um acontecimento único e incomparável. Argumenta que cada acontecimento pode ser lido como o mais traumático de todos e absolutamente único. Há na História outros acontecimentos também cruéis e singulares, como o extermínio dos povos indígenas na América no século XVI, a escravidão na África e os campos de concentração estalinistas. Afirma, contudo, que alguns cuidados devem ser tomados: não confundir realidades históricas e representações ideológicas distintas; e alerta que comparar não é explicar e muito menos perdoar.

- 08. La ejemplaridad:** Para ilustrar a sua proposta a favor da exemplaridade, o autor estabelece interlocuções com relatos de prisioneiros políticos dos campos de concentração nazistas e soviéticos, como David Rousset, Paul Tietgen, e com escritores, ativistas e romancistas que vivenciaram os horrores da Segunda Guerra Mundial, como Vassily Grossman, Andre Schwarz-Bart e Marek Edelman. As lições dos acontecimentos traumáticos que vivenciaram no passado transformaram-se em ação no presente.

Todorov aponta que as análises e as comparações que evocam o passado produzem objetivos distintos. A tarefa do historiador não consiste somente em estabelecer alguns fatos do passado, mas também selecionar os mais importantes e significativos e relacioná-los entre si. O trabalho de seleção e análise dos fatos deve ser guiado pela busca do bem e não da verdade.

**09. El culto a la memoria:** No último capítulo do livro o autor identifica que há uma obsessão pelo culto à memória por parte dos Europeus, em especial os franceses. Cita a inauguração de novos museus e as diversas comemorações de feitos históricos notáveis. Elenca algumas razões para a fixação contemporânea do culto à memória: a constituição do passado comum de um grupo em um mundo marcado pela homogeneidade e uniformidade; a apreensão obsessiva com o passado permite esquecer e ignorar ameaças atuais; e o fato de assegurar privilégios passados que faz com que o indivíduo seja reconhecido frente aos demais.

Para Todorov, a memória do passado deve se manter viva e estar alerta frente às novas e análogas situações. O passado deve estar a serviço do presente como a memória - e o esquecimento - deve estar à serviço da justiça.

**Trechos relevantes:**

<b>Página 13</b> <b>2º parágrafo</b>	<u>Memória e esquecimento</u> "En primer lugar hay que recordar algo evidente: que la memoria no se opone en absoluto al olvido. Los dos términos para contrastar son la supresión (el olvido) y la conservación; la memoria es, en todo momento y necesariamente, una interacción de ambos".
<b>Página 18</b> <b>3º parágrafo</b>	<u>O passado e o presente</u> "La recuperación del pasado es indispensable; lo cual no significa que el pasado deba regir el presente, sino que, al contrario, éste hará del pasado el uso que prefiera".
<b>Página 23</b> <b>2º parágrafo</b>	<u>Riscos do culto e da sacralização da memória</u> "Sin duda, todos tienen derecho a recuperar su pasado, pero no hay razón para erigir un culto a la memoria por la memoria; sacralizar la memoria es otro modo de hacerla estéril".
<b>Página 31</b> <b>3º parágrafo</b>	<u>O ofício do Historiador</u> "El trabajo del historiador, como cualquier trabajo sobre el pasado, no consiste solamente en establecer unos hechos, sino también en elegir algunos de ellos por ser más destacados y más significativos que otros, relacionándolos después entre sí".
<b>Página 37</b> <b>1º parágrafo</b>	<u>Passado, presente, memória e justiça</u> "Lejos de seguir siendo prisioneros del pasado, lo habremos puesto al servicio del presente, como la memoria –y el olvido- se han de poner al servicio de la justicia".

**Importância para o Núcleo de Memória:** O livro é fundamental para o Núcleo de Memória. A tese central que sinaliza a importância da recuperação do passado a serviço do presente e a compreensão da memória como um campo múltiplo, dinâmico e sujeito às disputas de poder orienta os trabalhos do Núcleo de Memória.